



**RESENHA DE AS BIG TECHS E A GUERRA TOTAL: O COMPLEXO MILITAR-INDUSTRIAL-DATAFICADO**

**REVIEW OF BIG TECH AND TOTAL WAR: THE MILITARY-INDUSTRIAL-DATAFICED COMPLEX**

**RESEÑA DE GRANDES TECNOLÓGICAS Y GUERRA TOTAL: EL COMPLEJO MILITAR-INDUSTRIAL-DATIFICADO**



10.56238/bocav25n76-005

**Evandro Carlos Salerno**

Doutorando em Educação

Professor da Rede Estadual de Ensino do Mato Grosso

E-mail: [soproveverquest@gmail.com](mailto:soproveverquest@gmail.com)

**Luciano Rodrigues Santos**

Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)

Instituição: Universidade Federal de Goiás (UFG)

E-mail: [ceffir@gmail.com](mailto:ceffir@gmail.com)

---

**RESUMO**

A presente resenha objetiva esquadrihar a obra *As Big Techs e a Guerra Total* (2025), de Sérgio Amadeu da Silveira, que propõe uma reinterpretação do capitalismo digital a partir da categoria de guerra como infraestrutura. Nela, o autor desenvolve o conceito de complexo militar-industrial-datafocado para analisar a fusão entre grandes corporações de tecnologia e o aparato estatal, particularmente o norte-americano. A resenha examina a tese central de que a soberania contemporânea se tornou infraestrutural, deslocando-se para o controle de data centers, semicondutores e algoritmos, com implicações geopolíticas evidenciadas na disputa EUA-China e em conflitos como o de Gaza. Discute-se a tensão analítica entre interpretar essa dinâmica como expressão da lógica neoliberal de mercantilização ou como reorganização estrutural do poder orientada pela guerra. Conclui-se que a obra oferece contribuição original ao deslocar o debate da regulação de mercado para a disputa estratégica, qualificando a compreensão das vulnerabilidades informacionais como dimensão constitutiva da soberania estatal hodierna.

**Palavras-chave:** Big Techs. Complexo Militar-Industrial. Guerra.

**ABSTRACT**

This review aims to scrutinize the work *As Big Techs and the Total War* (2025), by Sérgio Amadeu da Silveira, which proposes a reinterpretation of digital capitalism based on the category of war as infrastructure. In it, the author develops the concept of the military-industrial-datafied complex to analyze the fusion between large technology corporations and the state apparatus, particularly the American one. The review examines the central thesis that contemporary sovereignty has become infrastructural, shifting towards the control of data centers, semiconductors, and algorithms, with geopolitical implications evidenced in the US-China dispute and conflicts such as that in Gaza. The

analytical tension between interpreting this dynamic as an expression of the neoliberal logic of commodification or as a structural reorganization of power oriented by war is discussed. It concludes that the work offers an original contribution by shifting the debate from market regulation to strategic dispute, qualifying the understanding of informational vulnerabilities as a constitutive dimension of contemporary state sovereignty.

**Keywords:** Big Tech. Military-Industrial Complex. War.

### **RESUMEN**

Esta reseña examina la obra *Big Techs and Total War* (2025), de Sérgio Amadeu da Silveira, que propone una reinterpretación del capitalismo digital desde la categoría de la guerra como infraestructura. En ella, el autor desarrolla el concepto de complejo militar-industrial-datificado para analizar la fusión entre las grandes corporaciones tecnológicas y el aparato estatal, en particular el estadounidense. La reseña examina la tesis central de que la soberanía contemporánea se ha vuelto infraestructural, desplazándose hacia el control de centros de datos, semiconductores y algoritmos, con implicaciones geopolíticas evidenciadas en la disputa entre Estados Unidos y China y en conflictos como la Guerra de Gaza. Se discute la tensión analítica entre interpretar esta dinámica como una expresión de la lógica neoliberal de la mercantilización o como una reorganización estructural del poder orientada por la guerra. Se concluye que la obra ofrece una contribución original al trasladar el debate de la regulación del mercado a la disputa estratégica, calificando la comprensión de las vulnerabilidades informativas como una dimensión constitutiva de la soberanía estatal contemporánea.

**Palabras clave:** Big Tech. Complejo Militar-Industrial. Guerra.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 A GUERRA COMO INFRAESTRUTURA DO CAPITALISMO DIGITAL

Há algumas maneiras de apreender o capitalismo digital contemporâneo. Apontaremos duas, de longe as mais comuns. A primeira o reduz à épica da inovação disruptiva e ao empreendedorismo de plataforma; a segunda o descreve como expansão de mercados orientada por dataficação. Ambas partilham o vício de operar no registro da insuficiência, ficando aquém de explicar a mutação em curso. O livro *As Big Techs e a Guerra Total* flanqueia o debate. A tese proposta ali é a de que o capitalismo atual só pode ser decifrado a partir da categoria de guerra. Não como metáfora, note-se bem, mas como infraestrutura.

Na obra, Sérgio Amadeu da Silveira, um assumido deleuziano/marxista, não se contenta em denunciar a concentração de mercado de plataformas. Seu diagnóstico é o de que estaríamos diante de uma reorganização estrutural do poder na qual as big techs integram o que ele nomeia de complexo militar-industrial-datafocado. A expressão, hiperhifenizada, pretende capturar transformações históricas nas quais a arquitetura digital se torna parte constitutiva da capacidade bélica das potências globais. A pergunta que atravessa o livro pode ser assim formulada: De que maneira a fusão entre as grandes corporações de tecnologia e o Estado norte-americano altera a natureza da guerra, criando um novo complexo militar-industrial-datafocado? Deslocamento sutil com grandes consequências.

O livro ancora sua tese numa tradição crítica que remonta aos alertas de Eisenhower em 1961, quando o presidente norte-americano advertia contra a influência injustificada do complexo industrial-militar, passando pela dissecação de Wright Mills sobre o "triângulo de poder" formado por empresários, governantes e senhores da guerra, e chega finalmente às investigações de Nick Turse sobre a capilaridade do complexo, *o qual atua nas universidades que formam os engenheiros da Palantir e nos filmes que glamorizam drones, dentre outros espaços do cotidiano civil norte-americano. A essa linhagem, Amadeu acrescenta a análise de Noam Chomsky sobre como os gastos militares sempre operaram como uma forma de injetar recursos na economia sem controle democrático, funcionando como política anticíclica longe do escrutínio público. O que muda agora é que as big techs se tornaram as beneficiárias diretas desse fluxo, substituindo os fabricantes de arados por provedores de nuvem.*

Como se observa, um dos méritos do livro está em sua atualização filogenética, demonstrando que o velho complexo sofreu um rearranjo ontológico no qual o data center substituiu a fábrica como núcleo simbólico da potência estratégica.

Certa vez Clausewitz definiu a guerra como continuação da política por outros meios. Diferentemente da fórmula clausewitziana, o que se anuncia no livro é algo mais próximo da **guerra** total teorizada por Ludendorff. Sob este signo, a política contemporânea passa a operar como administração permanente de uma guerra informacional difusa. E a preparação para o combate não

ocorre somente em tempos de conflito declarado; antes, está incorporada à própria sustentação da normalidade. A coleta contínua de dados, a modulação algorítmica dos fluxos informacionais, a dependência estrutural do Estado em relação a serviços privados, tudo isso configura o que se poderia chamar, sem hipérbole, de estado de mobilização permanente.

A anatomia técnica dessa convergência é minuciosamente dissecada na obra. O relatório da RAND Corporation encomendado pela Força Aérea norte-americana, que investiga aplicações militares da inteligência artificial e da segurança cibernética no planejamento de missões, versando também sobre jogos de guerra e manutenção preditiva, revela a extensão do fenômeno. As conclusões, *ipsis litteris*, são reveladoras: "Não se pode confiar nos algoritmos de classificação de IA para aprender o que não lhes foi ensinado"; "dados de tempos de paz não podem ser substituídos por dados de tempos de guerra". O alerta de que a IA é "taticamente brilhante, mas estrategicamente ingênua" não invalida a centralidade do complexo; ao contrário, explicita que a disputa decisiva se desloca para o controle dos dados de treinamento e das estruturas que os processam.

Amadeu, numa perspectiva genealógica, recupera a análise de James Der Derian acerca da guerra virtuosa, espetáculo midiático que, desde a Guerra do Golfo até as intervenções humanitárias dos anos 1990, apresentava o conflito como uma cirurgia limpa, quase estética, dotada de uma assepsia tecnológica que o tornava higiênico. Tal como Der Derian, o autor não desconsidera as camadas precedentes dessa transformação, reconhecendo que a guerra, posteriormente, deixa de ser representada como espetáculo para ser gerida como fluxo de dados. O complexo militar-industrial-datafocado herda, então, a capacidade de produzir narrativas, mas agora a subordina à extração algorítmica de padrões e à vigilância massiva.

E o livro demonstra, com densidade empírica, que esse arcabouço no qual a soberania deixa de ser territorial para tornar-se infraestrutural tem escala atômica. Deslindando a arquitetura dos chips de 4 nanômetros das GPUs da Nvidia fabricadas pela Taiwan Semiconductor Manufacturing Company e a Lei dos Chips norte-americana de 2022, que destinou US\$ 52,7 bilhões para subsidiar a produção doméstica e impedir que a China acesse tecnologia de ponta, Amadeu traz à baila o fato de que a disputa por soberania se joga nos tabuleiros de processos de litografia. Por conseguinte, o chip para além da condição de mercadoria, é território na escala do bilionésimo do metro. E de fato, a DeepSeek chinesa, ao lançar um modelo competitivo com 20% do poder computacional da OpenAI, revela a importância da contenda por arquiteturas mais inteligentes de compressão do mundo.

Apoiando-se em Pasquinelli e Joler, Amadeu descreve a IA realmente existente como "colonialismo epistêmico", um regime no qual o conhecimento deixa de ser memória exata e se torna generalização probabilística extraída de bilhões de tokens. Como explica o autor, um modelo de linguagem, ao escrever sobre Max Weber, não recupera o texto original; reconstrói um enunciado provável a partir de padrões estatísticos. Quem controla os dados de treinamento e os mecanismos de

processamento controla, assim, as próprias condições de produção do conhecimento sobre o mundo. A guerra, nesse sentido, é também disputa por regimes de verdade, por aquilo que pode ser dito.

Ao passo que na guerra da Ucrânia ainda se opera, em grande medida, com lógicas territoriais clássicas, como trincheiras, artilharia, desgaste de exércitos, a análise identifica em Gaza *a avant-première* do novo complexo. No território palestino, a fusão entre vigilância algorítmica, bombardeios de precisão mediados por IA e gestão populacional por dados se apresenta em sua forma mais bem-acabada. Não seria exagero definir o território em questão como um laboratório a céu aberto do novo regime de guerra.

Há algumas tensões internas na obra, todavia. No *tour de force* promovido para enfatizar a militarização como chave interpretativa, o livro parece sugerir que a lógica da guerra estrutura o capitalismo digital em sua totalidade. Mas seria a guerra o princípio organizador ou o efeito de uma racionalidade expansiva mais ampla? O contraponto com Evgeny Morozov é, aqui, pertinente. Para este, a infraestrutura digital é antes de tudo instrumento de aprofundamento da lógica neoliberal, na qual borbulham privatizações de funções públicas, dependência estrutural de plataformas, mercantilização da vida social sob promessa de eficiência técnica e quejandos. A captura do Estado pelas big techs seria menos militar e mais econômica, menos geopolítica e mais governamental. Se seguirmos Morozov, a centralidade não está na guerra, mas na forma como o capitalismo neoliberal internaliza a tecnologia como mecanismo de reorganização da administração pública e da extração de valor, o que implica compreender o aparato militar como derivação funcional, não como matriz organizadora. A militarização seria consequência contingente dessa expansão. Numa outra chave de leitura possível, a integração entre big techs e aparato estratégico é estrutura. A guerra não seria episódio; seria, pois, condição *sine qua non*. Se isso é correto, o neoliberalismo deixa de se apresentar como causa e figuraria apenas como superfície que refrata a dinâmica estrutural do capitalismo digital.

Cumprir apontar que tal raciocínio flerta com a sobrecodificação militar do fenômeno. Nem toda dinâmica do capitalismo digital se deixa explicar pela lógica da guerra. Financeirização, publicidade comportamental e economia da atenção, por exemplo, também estruturam o sistema e obedecem a outras temporalidades, outras racionalidades.

No entanto, o próprio Amadeu demonstra que a opção do Pentágono por terceirizar a infraestrutura de dados às big techs é tributária da racionalidade neoliberal que enxerga no mercado a solução para funções estatais. A simbiose ideológica entre CEOs como Peter Thiel (Palantir) e ideólogos como Curtis Yarvin articulam um neocameralismo que funda a guerra total a uma visão pós-democrática na qual o Estado deve ser gerido como empresa. Ou seja, a guerra também produz uma ideologia que funde mercado, Estado e violência numa só lógica. No plano material, deixa de ser contingente para se tornar regramento de organização do capital, tornando a paz um arranjo impotente.

Longe de invalidar a proposta do livro, essa tensão a fortalece, uma vez que Amadeu radicaliza o diagnóstico elevando a guerra a fenômeno explicativo, impossibilitando desse modo que o capitalismo digital seja reduzido a fenômeno de mercado. O livro incorpora o dilema, mostrando que a lógica de mercado e a da guerra se retroalimentam. Nesse conúbio, a inteligência artificial deixa de ser inovação neutra e aparece como multiplicador de capacidade estratégica. Dados, de ser ativos econômicos se convertem em recurso geopolítico. A disputa tecnológica entre Estados Unidos e China exemplifica essa reorganização do campo de forças, no qual infraestrutura e soberania tornam-se inseparáveis. A crítica da tecnologia, por conseguinte, já não pode limitar-se à denúncia da vigilância ou da manipulação de dados. Deve considerar a dimensão estratégica de uma base material na qual o capitalismo agora dataficado é regime de organização geopolítica.

Transpondo a discussão para o contexto brasileiro, é visível a olho nu que a dependência de serviços estrangeiros, longe de ser apenas problema de mercado, é vulnerabilidade estratégica. Sem controle sobre o arcabouço tecnológico, a autonomia política torna-se formal, mero simulacro de soberania. Dito de outro modo: soberania informacional resta como condição material da soberania estatal propriamente dita.

Em suma, *As Big Techs e a Guerra Total* é menos um diagnóstico fechado e mais uma intervenção conceitual, daquelas que reconfiguram o campo do dizível. Vai muito além de descrever a convergência entre big techs e aparato militar, algo já feito, por sinal: qualifica o debate a sair do conforto regulatório e adentrar o terreno da disputa estratégica. Propõe uma categoria capaz de apreendê-la em sua especificidade histórica. A fecundidade da obra está na abertura que produz, obrigando-nos a perguntar se a ordem digital contemporânea é organizada prioritariamente pela lógica do mercado ou pela lógica da guerra, ou se ambas, em sua coalescência monstruosa, já se tornaram rigorosamente indistinguíveis.

**REFERÊNCIAS**

**CLAUSEWITZ, Carl von.** *Da Guerra*. Tradução de Maria Teresa Ramos. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2023.

**LUDENDORFF, Erich.** *A Guerra Total*. Tradução de Oliveira Abrantes. Rio de Janeiro: Editorial Inquérito, 1941. (Coleção Histórica)

**MOROZOV, Evgeny.** *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. Tradução: Cláudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

**SILVEIRA, Sérgio Amadeu da.** *As Big Techs e a Guerra Total: o complexo militar-industrial-datafocado*. São Paulo: Hedra, 2025.

